
IV ENCONTRO
DO GRUPO
BRASILEIRO DE ESTUDOS DA
MÚSICA GRECO-ROMANA
E SUAS RESSONÂNCIAS
MÚSICA ANTIGA E CULTURA MATERIAL:
REPRESENTAÇÕES E
TRANSVERSALIDADES
25 A 27 DE NOVEMBRO DE 2026
CADERNO DE RESUMOS
Organização:
GBEMGRR

IV Encontro do Grupo Brasileiro de Estudos sobre a Música Greco-Romana e suas Ressonâncias

Caderno de Resumos
Arte de capa
Ânfora atribuída ao Pintor de Amasis, 540-530 a.C., Paris, Cabinet des Medailles.
Estátua de Érato, mármore romano, séc. II d.C. Copenhague, Gliptoteca Ny Carlsberg.
Hídria atribuída ao Pintor de Berlin, 460-450 a.C. Berlim: Staatliche Museen zu Berlin.
Relevo frontal do sarcófago romano de Acília, 260-270 d.C., Roma, Museo Nazionale Romano.

Lidiane Carolina Carderaro
(com recursos de Inteligência Artificial)

Revisão, edição e diagramação
Lidiane Carolina Carderaro e Caroline Melo Armesto

Comissão Organizadora do IV Encontro GBMGRR
Lidiane Carolina Carderaro (MAE-USP)
Fabio Vergara Cerqueira (UFPel)
Caroline Melo Armesto (UFPel)

Realização
Grupo Brasileiro de Estudos da Música Greco-Romana e suas Ressonâncias
Grupo de Pesquisa Arqueologia e Iconografia da Música Antiga e suas Recepções-Lyra Brasileira

Apoio
Laboratório de Estudos sobre a Cidade Antiga (LABECA) - MAE-USP
Laboratório de Arqueologia Romana Provincial (LARP) - MAE-USP
Laboratório de Estudos sobre a Cerâmica Antiga (LECA) - UFPel
Museu de Arqueologia e Etnologia da USP

SUMÁRIO

APRESENTAÇÃO 4

CRONOGRAMA 5

PROGRAMAÇÃO COMPLETA 6

RESUMOS 8

CONFERÊNCIAS 8

PALESTRAS 14

COMUNICAÇÕES 18

APRESENTAÇÃO

O *Grupo Brasileiro de Estudos sobre a Música Greco-Romana e suas Ressonâncias* surgiu de um esforço mútuo de três professores de universidades distintas que trabalham diretamente com a música no Mundo Antigo: Fabio Vergara Cerqueira (UFPel), Roosevelt Rocha (UFPR) e Marcus Mota (UnB). No decorrer da XX Jornada de História Antiga da UFPel, em 2019, foi organizado e realizado o primeiro encontro, em que o grupo foi oficialmente fundado, contando desde então com a participação de docentes e discentes de todas as regiões do Brasil e de outros países do Cone Sul (Argentina e Uruguai), além da colaboração de especialistas de países europeus. Esses pesquisadores se dedicam à música do Mundo Antigo em todas as suas abordagens.

Dando sequência às reuniões bienais do Grupo Brasileiro de Estudos da Música Greco-Romana e suas Ressonâncias, o quarto encontro será realizado na Universidade de São Paulo, no âmbito do Museu de Arqueologia e Etnologia (MAE-USP), instituição escolhida por ser a casa de formação de dois dos organizadores. Assim, o tema deste encontro se concentra nas relações entre a Música do Mundo Antigo e a cultura material, expressas pelas suas representações, que se dão das mais diversas formas, seja na iconografia, seja em textos ficcionais, textos teóricos, recepções etc. Essas conexões se dão de maneira transversal, abrangendo todas as formas de expressão e suporte e atravessadas por temas ou enfoques diversos, tais como gênero, religião, mito, etnia, educação, política, guerra, amor, sexualidade, entre tantas outras possibilidades.

Dessa forma, o tema está diretamente conectado com o Museu de Arqueologia e Etnologia, tendo em vista que os estudos iconográficos da música antiga, que é um dos principais vieses da pesquisa sobre o tema em nosso país, iniciaram no Brasil a partir do MAE. Para viabilizar a realização desse encontro, contamos com o apoio dos dois laboratórios focados no Mundo Antigo do MAE, o Laboratório de Estudos sobre a Cidade Antiga (LABECA) e o Laboratório de Arqueologia Romana Provincial (LARP), aos quais, desde já, externamos os nossos mais sinceros agradecimentos.

São Paulo, Novembro de 2026.

Lidiane Carderaro
Comissão Organizadora

CRONOGRAMA

HORÁRIO	25/11 QUARTA-FEIRA	26/11 QUINTA-FEIRA	27/11 SEXTA-FEIRA
9:30 - 10:30		MESA 2	MESA 4
Intervalo			
10:40 - 11:00		Lançamento livro	Lançamento livro
11:00 - 12:00	10h - Conferência de Abertura Palestra Fábio Vergara Cerqueira	Conferência Rafael Brunhara	Conferência Cynthia Gusmão
ALMOÇO			
14:00 - 15:30	MESA 1	MESA 3	Palestra Roosevelt Rocha
Intervalo			
15:45 - 17:00	Conferência Paula da Cunha Corrêa	Palestra Marcus Mota	15:30 Conferência Encerramento Erica Angliker

PROGRAMAÇÃO COMPLETA

25/11 - Quarta-Feira

10h - Abertura
Conferência - Fábio Vergara Cerqueira
A dançarina com véu nas figurinhas de terracotta e na pintura dos vasos ápulos (séc. IV-III a.C.)

14h - Mesa de Comunicações 1
Palestra - José Roberto Paiva Gomes
Sappho e a lira: debates e discussões
Comunicação - Ana Maria Ribeiro (virtual)
Simples ou Sofisticados? Uma defesa dos Hinos de Mesomedes
Comunicação - Marco Almansa Fernández (virtual)
El sonido del sacrificio: música y silencio en la religión romana

15:45 - Conferência1
Paula da Cunha Corrêa
Poetas, música e instrumentos no jambo grego arcaico

26/11 - Quinta-feira
9:30 - Mesa de Comunicações 2
Palestra - Felipe Nascimento Araújo
Representações de músicos profissionais como personagens míticas nas cerâmicas áticas do final do século V a.C.
Comunicação - João Pedro Vitorino Fabri
Cenas Amorosas de Dioniso e Ariadne nos vasos ápulos do século IV AEC

10:40 - Lançamento de Livro
Marcus Mota
Infinitude sonora: criatividade multissensorial de Homero a Clarice Lispector. Brasília: Editora Universidade de Brasília, 2026.

11h - Conferência
Rafael Brunhara
O aulo e o entrelugar da elegia grega arcaica

14h - Mesa de Comunicações 3
Palestra - Lidiane Carderaro
De volta a Antemisa: revisitando as Sereias e suas ressignificações no Mundo Grego
Comunicação - Laura Prates Bellozi Monteiro
A recepção da tradição musical antiga no Micrologus de Guido d'Arezzo
Comunicação - Caroline Melo Armesto
A recepção dos instrumentos antigos no patrimônio cultural de Pelotas, Rio Grande do Sul

15:45 - Conferência
Marcus Mota

Coralidades: A reinvenção da dramaturgia ateniense antiga em Richard Wagner

27/11 - Sexta-feira
9:30 - Mesa de Comunicações 4
Palestra -Maria Cecilia Colombani
Una arqueología musical. Música, celebración e identidad en el mundo arcaico
Comunicação - Emanuelle Kotsan de Medeiros (virtual)
Do objeto ao atributo: instrumentos musicais, representação e identidade religiosa na pintura romana

10:40 - Lançamento de livro
Marcus Mota
Tradução, Introdução de Notas. Ésquilo. Os Persas. Sete contra Tebas. As Suplicantes.
São Paulo: Companhia das Letras, 2026.

11h - Conferência
Cynthia Gusmão
MÁQUINAS DE MARAVILHAMENTO Autômatos, música e teatro em Hero de Alexandria

14h - Conferência
Roosevelt Rocha
Como construir uma lira grega hoje: um exame das fontes escritas e imagéticas
15:45h - Conferência de Encerramento
Erica Angliker
O Santuário de Apolo Pítio em Kea: Natureza, Movimento, Paisagem e a Construção da Paisagem Sonora Sagrada

RESUMOS

CONFERÊNCIAS

MÁQUINAS DE MARAVILHAMENTO

Autômatos, música e teatro em Hero de Alexandria

Cynthia Gusmão
Universidade de São Paulo - FFLCH
Departamento de Filosofia

A palestra propõe uma aproximação às taumaturgias descritas por Hero de Alexandria, no século I d.C., nos tratados *Pneumatica* e *Automata*. Nela, serão debatidos os modos de experiência produzidos pelos dispositivos e *gadgets* na Antiguidade, no contexto das tecnologias ligadas ao entretenimento, e suas ressonâncias para a música e o teatro. Hero viveu, aproximadamente, entre 10 e 85 d.C., em Alexandria, então parte do Império Romano, e foi contemporâneo de Nero (37-68 d.C.). Matemático, físico e engenheiro, foi professor no Museu de Alexandria e descreveu um dos primeiros dispositivos movidos a vapor, a chamada eolípila. Aparentemente, ele foi criado apenas para o maravilhamento dos espectadores, assim como o conjunto de miniaturas tecnológicas construídas a partir de princípios pneumáticos e mecânicos, capazes de articular movimento e som. Hero as descreveu detalhadamente em mecanismos para teatros de autômatos, pássaros cantantes e figuras que tocam instrumentos.

Em sua obra *Pneumatica* encontra-se uma das mais antigas descrições da *hydraulis*, instrumento criado por Ctesibios no século III a.C. e que se tornaria um marco na história da música como antecessor do órgão. Seu sistema de teclas ultrapassa a importância apenas musical e, como dispositivo "menor", tornou-se também fundamental para o desenvolvimento tecnológico dos instrumentos de teclado — e, por que não?, como antecessor de outras formas do artefato que chegaram, transformadas, aos dias atuais.

O que ocorre quando uma ação musical parece acontecer sem a presença visível de um agente humano? O acionamento mecânico de um instrumento pode transformar a própria experiência musical e a ideia de performance?

O Santuário de Apolo Pítio em Kea: Natureza, Movimento, Paisagem e a Construção da Paisagem Sonora Sagrada

Erica Angliker
Universidade de Palermo

Nos últimos anos, os estudos do som têm transformado as abordagens aos santuários antigos, enquanto métodos provenientes da arqueoacústica e da arquitetura aural têm aberto novas possibilidades para investigar como os espaços sagrados eram experimentados através do som. Grande parte desses estudos, contudo, tem se concentrado nos sons produzidos pela atividade humana — música, voz, movimento e performance ritual —, enquanto os sons do ambiente natural têm recebido consideravelmente menos atenção.

Este trabalho coloca o som natural no centro da investigação, tomando como estudo de caso o santuário de Apolo Pítio na ilha de Kea. A análise procura compreender o papel desempenhado pelos sons naturais na experiência do santuário e, mais especificamente, como as geofonias — vento, água, chuva, trovões e sons relacionados ao ambiente marítimo — e as biofonias — aves, insetos e outros animais — se articulavam com os sons produzidos pelos seres humanos e com as práticas rituais.

A paisagem de Kea oferece um contexto particularmente produtivo para essa investigação. A relação entre mar, ventos, topografia, vegetação, visibilidade e percursos de circulação criava condições acústicas específicas tanto no entorno do santuário quanto ao longo das rotas pelas quais ele era alcançado. Os sons naturais não constituíam necessariamente um pano de fundo passivo para o ritual. Eles podiam conferir ao espaço sagrado uma identidade acústica própria, interferir na propagação, no mascaramento e na percepção dos sons humanos e interagir com vozes, música, procissões, dança, sacrifícios e outras atividades rituais. Em determinados contextos, esses sons poderiam ainda adquirir significado religioso, contribuindo para a percepção da presença divina ou para formas de comunicação com o divino.

O movimento ocupa uma posição central nessa análise. A paisagem sonora não era estática, mas se transformava à medida que os participantes se aproximavam do santuário, percorriam suas vias de acesso, ingressavam no espaço sagrado e nele realizavam diferentes práticas. A configuração topográfica do santuário de Apolo Pítio permite, assim, investigar de que maneira posição, percurso, visibilidade, exposição aos elementos naturais e atividade ritual produziam experiências acústicas

distintas. O som é entendido, portanto, não apenas como uma característica de um determinado lugar, mas como uma experiência construída através do deslocamento pelo espaço.

Combinando evidências arqueológicas, topográficas, literárias, epigráficas e iconográficas com GIS e análise espacial, o trabalho não pretende reconstruir exatamente como o santuário de Apolo Pítio soava na Antiguidade. Busca, antes, reconstruir condições acústicas plausíveis e examinar as relações mutáveis entre sons naturais e sons produzidos pela atividade humana no espaço ritual. Propõe-se que a paisagem sonora sagrada de Apolo em Kea era relacional e dinâmica, produzida pela interação entre ambiente, arquitetura, movimento e ritual. Nessa perspectiva, os sons da natureza deixam de ser entendidos como mero pano de fundo e passam a ser considerados componentes ativos da experiência sensorial e religiosa do santuário.

Projeto VOICING: https://voicingfis.org/team/erica-angliker/

A dançarina com véu nas figurinhas de terracotta e na pintura dos vasos ápulos (séc. IV-III a.C.)

Fábio Vergara Cerqueira
Universidade Federal de Pelotas
Departamento de História

A representação da dança com véu marca um repertório singular sobre a cultura coreográfica grega antiga. Essas dançarinas com véu estão representadas em objetos variados e durante um período extenso, cujo desafio de interpretação tem despertado interesse de pesquisadores desde o século XIX. Mesmo que de longe as figurinhas de terracota sobrepujem numericamente a pintura de vasos, como testemunho desta dança, a iconografia vascular tem a vantage de inseri-la em uma narrativa. Nosso foco será evidenciar as singularidade no contexto da Magna Grécia no século IV e III. A dançarina com véu aparece em algumas cenas de casamento na pintura de vasos do Ápulo Médio e Ápulo Final (370-300 a.C.), em cenas que indicam a música e a dança praticadas nestas festas. A abordagem iconográfica varia de acordo com a área disponível na superfície do vaso: loutrophoroi e pelikai permitem um tratamento mais complexo, enquanto lekythoi possibilitam uma representação mais simplificada, com os elementos básicos. No lekythos Essen RE55 (360-350 a.C.), a moça dança na ponta dos pés, com um manto grande cobrindo-a, da cabeça aos dedos dos pés, ocultando os braços, mãos e mesmo o queixo – somente metade do rosto pode ser vista! Ela

performa uma dança em vortex (o baukismos, de acordo com Fronning), ao som de um sistro ápulo tocado por uma mulher sentada e observada por uma terceira de pé, com um espelho e um cacho de uvas, mesclando elementos de Afrodite e de Dioniso. Na pelike Copenhagen 316 (340-330 a.C.), a atmosfera alegre sugere a multiplicidade sonora. Na cena superior, um aulos acompanha a dança com véu, vendo-se uma harpa em um plano secundário, e, no chão, uma cítara rectangular ápula e um sistro, mostrando que estes instrumentos faziam parte dos festejos celebrados durante a união matrimonial, a qual o pintor representou na cena no plano inferior. No loutrophoros Naples 3242, a dançarina com véu, acompanhada novamente por um aulos, está associada ao hieros gamos de Dioniso e Ariadne. O que esta dança significa? Sugere a sensualidade da noiva (nymphe)? Ou é uma metáfora da pureza virginal da noiva ou da pudicícia moral da future esposa? Trata-se de uma dança performada durante um rito pré-nupcial? Ela faria parte de um ritual que antecederia a anakalypteria? Exploraremos as diferentes possibilidades de interpretação, buscando enfocar a sua singularidade no contexto da iconografia italiota, em contraste com o conjunto das evidências gregas, sobre diferentes suportes (e.g. figurinhas de terracota, estatuetas de bronze, pinturas de vaso).

Coralidades: A reinvenção da dramaturgia ateniense antiga em Richard Wagner

Marcus Mota
Universidade de Brasília

Em seus escritos (cartas, ensaios, propostas de reforma teatral), RIchard Wagner (1813-1882) propôs diversos nexos entre Antiguidade e a dramaturgia musical do século XIX. Entre suas propostas está a do deslocamento das funções do coro nas tragédias gregas antigas para a orquestra no drama musical. Neste artigo, busca-se reconstruir a argumentação de Wagner e apresentar suas implicações para a compreensão da plasticidade da ideia e da experiência de coralidade.

Palavras-chave: Coralidades, Richard Wagner, Teatro Grego

Poetas, música e instrumentos no jambo grego arcaico

Paula da Cunha Corrêa
Universidade de São Paulo - FFLCH
Departamento de Letras Clássicas

A partir dos versos remanescentes dos jâmbicos gregos arcaicos, incluindo as suas fontes e os testemunhos, examinaremos a representação de poetas, músicos e instrumentos, em confronto com a sua recepção posterior na cultura material.

O aulo e o entrelugar da elegia grega arcaica

Rafael Brunhara
Universidade de São Paulo - FFLCH
Departamento de Letras Clássicas

Partindo da proposta de Budelmann e Power (2013), segundo a qual a elegia simposial na Grécia Arcaica ocuparia uma posição intermediária entre a fala e o canto, esta comunicação examina as ocorrências dos termos *aulós* e *aulētḗs* nessa poesia, com especial atenção ao *corpus* teognídeo (séc VI-V AEC). Busca-se propor que o entrelugar da elegia, antes de constituir apenas um dado de *performance*, é tematizado pelos próprios poemas: passagens como *Thgn* 239-243, 531-534, 825-830, 973-978, 1055-1058 e 1063-1068 associam o aulo ao canto, à lira, às Musas, ao *lógos*, à memória e ao simpósio, ora assinalando a passagem da fala ao canto, ora suscitando questões sobre a adequação entre música, conteúdo e ocasião. Diante disso, será trabalhada a hipótese de que o aulo pode ser compreendido como metonímia de uma consciência metagenérica da elegia, que não se confunde nem com a musicalidade da mélica nem com a recitação épica.

Como construir uma lira grega hoje: um exame das fontes escritas e imagéticas

Roosevelt Rocha
Universidade Federal do Paraná
Departamento de Letras

Nesta comunicação pretendo examinar rapidamente algumas fontes escritas, escultóricas, vasculares e arqueológicas que podem nos auxiliar no trabalho de reconstruir uma lira grega antiga, dando-nos indicações sobre as dimensões e os materiais que eram utilizados na fabricação desse instrumento musical. Essa investigação tem como objetivo prático dar início à produção de liras em nosso país,

levando em conta também as experiências de luthiers que atuam em outros países, como a Grécia, por exemplo.

Palavras-chave: Lira grega; fontes escritas; fontes imagéticas; reconstrução; performance.

PALESTRAS

Representações de músicos profissionais como personagens míticas nas cerâmicas áticas do final do século V a.C.

Felipe Nascimento Araújo
Doutor em História
Universidade do Estado do Rio de Janeiro

Representações iconográficas de músicos são numerosas na cultura helênica, sobretudo na cerâmica ática de figuras negras e vermelhas, as quais possuem cenas situadas tanto no âmbito público quanto no privado. Assim, são comuns representações de músicos em cenas de banquete, narrativas míticas, competições, procissões, treinamentos atléticos, cerimônias religiosas, sacrifícios rituais, festividades, entre outras. No que se refere aos músicos vanguardistas, aqueles que implementaram uma série de inovações técnicas e estilísticas na música a partir do século V a.C. (como Melanípides, Cinésias e Timóteo), sua identificação nos vasos trata-se de um problema complexo. Poucas imagens possuem inscrições nominais diretas, como a presente na Pélica do Museu Arqueológico Regional de Plovdiv (n. 1527), que identifica o kitharoidos vencedor como "Alkimachos". Além disso, os vasos representam majoritariamente músicos desconhecidos para nós, ou seja, não presentes na documentação textual, como o próprio Alkimachos.

Frente a essa problemática, uma abordagem metodológica eficiente consiste em identificar cenas específicas de profissionais realizando performances públicas, pois eles corresponderiam àqueles indivíduos altamente técnicos e habilidosos que implementariam as inovações musicais do séc. V a.C. Nessa perspectiva, cenas de competições e performances públicas gerais, como em apresentações no contexto teatral, tornam-se valiosos indícios da representação de profissionais nas pinturas. Adicionalmente, cenas de narrativas míticas igualmente mostram-se viáveis para analisar tal temática, pois personagens como Mársias, Orfeu e Tâmiris funcionariam como símbolos ou alegorias para os músicos profissionais das décadas finais do quinto século, época de considerável profusão dessas iconografias. Como destaca Marco Ercoles, no artigo Ancient Models for the New Musicians (2021), as habilidades musicais dessas três figuras mitológicas eram objeto de grande interesse por parte dos pintores de vaso dessa época, devido ao crescimento da profissionalização musical e à difusão das inovações musicais clássicas. Dessa forma,

esta apresentação terá como foco a representação de figuras mitológicas nas pinturas de vaso como elementos simbólicos para os músicos profissionais do séc. V a.C., considerando o contexto histórico das inovações musicais clássicas.

Palavras-chave: Mitologia; Músicos; Grécia Antiga

Sappho e a lira: debates e discussões

José Roberto Paiva Gomes
Professor de História
Universidade Estadual do Rio de Janeiro

A moeda de Mitilene, que apresenta no anverso o busto de Safo e no reverso uma lira, tem sido objeto de debates historiográficos que envolvem interpretações sobre identidade cultural, propaganda política e memória literária. Os estudiosos discutem se o artefato numismático constitui uma homenagem cívica, uma estratégia de legitimação sob domínio romano ou uma construção simbólica da figura de Safo. A moeda legitima a presença feminina na esfera pública, desafiando a invisibilidade das mulheres na iconografia oficial. A cunhagem mostra como a elite mitilena preservava sua herança grega mesmo sob o domínio romano, reafirmando a continuidade cultural. Além disso, estabelece-se uma comparação com outras moedas em que Safo e a lira aparecem associadas a personalidades no contexto do Mediterrâneo oriental romano. A presença da lira reforça a união entre poesia e música, elementos centrais da cultura grega, que se tornam visíveis em um objeto circulante dentro de um império multicultural. A iconografia oferece tese da Safo musicista, mostrando-a, por exemplo, sentada com a lira, como o caso das moedas, cuja uma das faces figura a personagem romana Julia Procula, no anverso, ou liderando rituais com instrumentos nas mãos. Essas leituras revelam que a moeda não é apenas um artefato monetário, mas um objeto polissêmico que condensa identidade cívica, propaganda cultural, memória literária e metáfora de continuidade social.

Palavras-chave: Sapppho, moeda, lira

De volta a Antemisa: revisitando as Sereias e suas ressignificações no Mundo Grego

Lidiane Carderaro
Pós-doutoranda em Arqueologia
Museu de Arqueologia e Etnologia da Universidade de São Paulo

O trabalho que apresentaremos nesta ocasião segue na esteira da popularidade que a Odisseia homéica experimenta, como tem sido de tempos em tempos desde a Antiguidade, provando ser essa uma obra atemporal, masterpiece da literatura universal. Aqui, revisitamos um estudo desenvolvido há alguns anos, visando analisar a iconografia em vasos gregos e de influência grega, produzidos entre os séculos VI e IV a.C. que retrata o episódio da passagem do barco de Odisseu
pelas Sereias, no Canto XII da Odisseia, enfatizando as características físicas dessas criaturas e como sua representação se modificou ao longo do tempo para acompanhar os papeis sociais que elas assumiram ao longo do tempo. A Odisseia é o texto mais antigo de que temos conhecimento que se refere às Sereias, e data de época semelhante também o início da representação dessas criaturas em iconografia grega.
A análise visa não apenas revisitar essas representações, mas acompanhar como a imagem dessas figuras está presente na recepção do mito em tempos Modernos e Contemporâneos. A partir daí, é possível identificar a relação das Sereias com a música, seja pelo seu emblemático canto, seja pelo uso de instrumentos musicais.

Palavras-chave: Sereias, Música grega, Iconografia musical

Una arqueología musical. Música, celebración e identidad en el mundo arcaico

Maria Cecilia Colombani
Escuela de Humanidades. Universidad de Morón. Facultad de Humanidades. Universidad Nacional de Mar del Plata. Asociación Argentina de Filosofía Antigua Asociación Filosófica de la República Argentina Centro de Estudios Clásicos y Humanísticos, Universidad de Coimbra

La propuesta del presente trabajo consiste en proponer una cierta arqueología de la dimensión musical presente en la narrativa mítica. Nos referimos a una cierta arqueología para indicar un descenso por la espesura del mito y recalar en algunos pliegues del recorrido para ver cómo la música se instala en el relato desde distintas perspectivas.
A partir de este proyecto, recorreremos cuatro momentos del aludido descenso. En primer lugar, relevaremos la condición musical de las Musas en la Teogonía de

Hesíodo. En segundo lugar, nos instalaremos en Escudo para detectar la presencia de la música en la ciudad en paz que contrasta con la ciudad en guerra, magníficamente esculpidas. En tercer lugar, asistiremos a una fiesta de las jóvenes delias en honor a Apolo donde la música es el vínculo celebratorio que define la fiesta en honor al dios. Por último, analizaremos la musicalidad que las bacantes frigias y griegas aportan en la epifanía dionisíaca, constituyéndose en la bisagra que determina el vínculo de camaradería entre Dioniso y el elemento femenino que lo acompaña tan frecuentemente. En todos los casos parece darse una nota común y es la relación estrecha entre música, fiesta y celebración. La música se convierte así en un elemento estructurante de los vínculos horizontales que los dioses guardan entre sí y de los verticales que conservan los hombres mortales y la divinidad.

Musicalmente nos hemos dejado llevar por el son de los instrumentos, la melodía del canto y la música como soporte del acontecimiento ritual por un descenso arqueológico que nos elevó distintos pliegues de una alianza que parece estructural, la música y la celebración.

Palavras-chave: Mito, Música, Danza, Identidad, Celebración

COMUNICAÇÕES

Simples ou Sofisticados? Uma defesa dos Hinos de Mesomedes

Ana Maria Ribeiro
Mestranda em Letras
Washington St. LouisUniversity

"Simple" ("simples") e "baffling" ("desconcertante") são dois adjetivos utilizados por Brumbaugh (2015, 170) para qualificar os Hinos de Mesomedes, especialmente o Hino à Musa. O acadêmico, no entanto, não é o único: Bellermann (1840, 61-62) também qualificou esses hinos como "simples" enquanto analisava a correspondência entre notas musicais e a quantidade de sílabas por verso. Mas esses hinos são realmente simples? Neste paper, eu argumento que os Hinos de Mesomedes revelam não apenas o estilo composicional de seu compositor, mas também um nível de sofisticação composicional, desafiando interpretações anteriores de que esses documentos musicais sejam, do ponto de vista melódico e composicional, simples.

Mesomedes, compositor cretense do século II d.C., fez parte da corte do imperador Adriano e recebeu fama já na Antiguidade graças às suas composições. Apesar dessa fama, esses documentos musicais acabam não recebendo tanta atenção acadêmica quanto outros. A falta de interesse acadêmico parece ter sua origem na forma como alguns acadêmicos descrevem esses hinos, classificando-os como simples. No entanto, uma análise musical aprofundada revela técnicas composicionais como figuralismo musical, modulação e até arcaísmo. Por esses motivos, eu defendo o oposto do que certos acadêmicos atestam: esses hinos são, do ponto de vista musical, sofisticados.

Portando, eu argumento que os Hinos de Mesomedes contêm características melódicas e composicionais que não apenas revelam um estilo composicional consistente, fazendo um contraponto a algumas teorias sobre autoria, mas também uma consciência composicional que sugere um nível de refinamento por parte do compositor. Além disso, fazendo uso de fontes primárias e secundárias, eu também discuto um possível contexto por trás da sobrevivência dos Hinos de Mesomedes através da tradição manuscrita.

Palavras-chave: Música Grega Antiga, Mesomedes, Estilo Composicional

A recepção dos instrumentos antigos no patrimônio cultural de Pelotas, Rio Grande do Sul

Caroline Melo Armesto
Mestra em Memória Social e Patrimônio Cultural
Universidade Federal de Pelotas

Ao percorrer as ruas do centro histórico de Pelotas, no extremo sul do Rio Grande do Sul, chama atenção a profusão de referências greco-romanas que ornamentam fachadas, fontes e monumentos escultóricos. Esses elementos, muitas vezes assimilados cotidianamente e, por isso, pouco problematizados, suscitam questionamentos acerca dos processos históricos e culturais que explicam a centralidade desse imaginário, bem como dos sentidos atribuídos a tais escolhas estéticas no contexto da formação urbana da cidade. No interior desse conjunto, destaca-se a recorrência de motivos associados à música antiga, notadamente em liras e cítaras. Busca-se, assim, compreender não apenas os processos de apropriação estética desses elementos, mas também os sentidos que lhes foram atribuídos no contexto de recepção. O que representa, afinal, a iconografia desses instrumentos antigos no espaço urbano de uma cidade brasileira em processo de formação? Estariam essas imagens limitadas ao apreço pelo clássico ou fariam parte de estratégias de distinção cultural? Parte-se do pressuposto de que a recepção da Antiguidade não se restringe à cópia de modelos clássicos, mas envolve um processo ativo de ressignificação e adaptação às dinâmicas socioculturais locais. Assim, pretende-se evidenciar como essas representações revelam formas específicas de apropriação do passado, ressoando nas construções de memória e identidade da cidade.

Palavras-chave: Liras e Cítaras; Recepção da Antiguidade; Memória Cultural; Pelotas.

Do objeto ao atributo: instrumentos musicais, representação e identidade religiosa na pintura romana

Emanuelle Kotsan de Medeiros
Mestranda em História
Universidade Federal do Paraná

A representação de instrumentos musicais em imagens religiosas da Antiguidade envolve questões que ultrapassam sua identificação como objetos destinados à produção sonora. Quando inseridos em contextos visuais de caráter religioso, esses

objetos podem estabelecer relações com personagens, gestos, divindades e práticas, assumindo funções que articulam sua dimensão musical a outras formas de significação. Partindo dessa problemática, esta comunicação propõe investigar em que condições um instrumento musical representado pode atuar também como elemento de caracterização ou atributo de uma figura religiosa. O estudo toma como ponto de partida representações presentes nas pinturas provenientes de Pompeia, buscando observar as relações estabelecidas entre objeto, corpo, gesto, personagem e contexto espacial. O sistro, particularmente associado às representações do culto de Ísis, constitui um caso privilegiado para essa reflexão, uma vez que sua presença pode remeter simultaneamente à prática musical, à ação ritual e à identificação de personagens ou divindades. Entretanto, em vez de restringir a análise a esse instrumento, a proposta busca estabelecer uma perspectiva comparativa com outras representações de instrumentos musicais, permitindo discutir diferentes possibilidades de uso e significação dos objetos sonoros no interior das imagens religiosas. Argumenta-se, assim, que a presença de um instrumento em uma representação não implica necessariamente a representação de uma prática musical em sentido estrito. O objeto pode conservar sua dimensão enquanto instrumento e, simultaneamente, desempenhar funções rituais, identitárias e atributivas. A análise pretende, desse modo, deslocar o olhar da pergunta sobre qual instrumento está representado para outra questão: o que a presença desse objeto produz na imagem? Tal perspectiva contribui para aproximar os estudos da música antiga das discussões sobre cultura material, representação e práticas religiosas, considerando os instrumentos musicais também como elementos ativos na construção visual das identidades religiosas.

Palavras-chave: Cultura material; instrumentos musicais; imagens religiosas; pintura romana; Pompeia.

Cenas Amorosas de Dioniso e Ariadne nos vasos ápulos do século IV AEC

João Pedro Vitorino Fabri
Mestrando em História
Universidade Federal de Pelotas

Este resumo se insere no âmbito da pesquisa desenvolvida pelo pesquisador sobre “As representações iconográficas do aulos na pintura dos vasos ápulos entre o século V e III AEC.” Ela faz parte de um projeto maior na área de Ciências Humanas, mais especificamente da História, orientado pelo Prof. Dr. Fábio Vergara Cerqueira,

intitulado “Iconografia da música nos vasos italiotas e outros suportes (coroplástica, numismática, pintura mural e glíptica). Estudo do ambiente intercultural grecoindígena da Magna Grécia no contexto dos processos de colonização e descolonização grega”, projeto que desfrutou e desfruta de apoios de agências e instituições nacionais e internacionais, como CAPES, CNPq, Fundação Humboldt (Alemanha), Instituto de Arqueologia Clássica/Universidade de Heidelberg (Alemanha), Escola Francesa de Roma e Centro Jean Bérard/Nápoles (Itália). Será abordado nele um recorte da comunicação Women Playing the Aulos in Italiote Vase-Painting - Mobility, Cult, and Funerary Rituals apresentada no 32º Annual Meeting of the European Association of Archaeologists, Atenas, 26-29 de agosto de 2026. O enfoque deste resumo está na análise dos vasos italiotas (vasos de tradição grega produzidos no Sul da Itália no âmbito das colonizações gregas durante a Antiguidade), mais especificamente os vasos na Ápulia (região pertencente a Magna Grécia, nome dado por gregos na Antiguidade à região ao Sul da Itália e que contava também com outras três sub-regiões: Campânia, Lucânia e Sicília). É devido à enorme quantidade de vasos gregos encontradas ao Sul da Itália que trabalhos e pesquisas sobre a iconografia e cultura grega se desenvolveram na região. Assim, estes possibilitam diversas interpretações sobre a interação cultural entre gregos da Grécia egeia, gregos das colônias do Sul da Itália e Sicília, e itálicos (nativos não-gregos do Sul da Itália) durante a Antiguidade. Abordando as cenas amorosas de Dioniso (deus do vinho) e Ariadne (princesa cretense, e posteriormente sua esposa de acordo com os mitos grego) queremos evidenciar uma singular relação desses vasos com a representação do aulos na iconografia ápula. A fonte principal são os vasos de figuras vermelhas e a metodologia incluiu três etapas. A primeira foi o levantamento de cenas com representação do aulos com figuras femininas a partir dos vasos ápulos levantados pelo autor para seu trabalho de conclusão de curso em 2024. A segunda etapa foi a separação e organização dos vasos com cenas de figuras femininas em grupos temáticos. Esses foram divididos em quatro grupos: 1) Thiasos dionisíaco; 2) Banquete Pós Morte; 3) Rituais e 4) Cenas amorosas de Dioniso e Ariadne. Na terceira etapa foi feita a análise das cenas de aulos com figuras femininas nesses 4 contextos. Porém para essa comunicação será abordado somente as cenas amorosas de Dioniso e Ariadne. Uma singularidade desta série, que será analisada, é a representação de Ariadne como auletris, concepção musical desta heroína ausente da iconografia vascular ática.

Palavras-chave: Dioniso e Ariadne; vasos ápulos; cenas amorosas; iconografia musical; aulos.

A recepção da tradição musical antiga no Micrologus de Guido d'Arezzo

Laura Prates Bellozi Monteiro
Graduanda em Letras
Universidade Federal de Juiz de Fora

A formação do pensamento musical medieval esteve profundamente vinculada à recepção e à reelaboração de saberes provenientes da Antiguidade Clássica, conforme explicam Grout e Palisca (2001). Autores como Marciano Capella e, sobretudo, Boécio (c. 480-524) desempenharam um papel fundamental ao transmitir ao Medievo concepções da tradição musical antiga e consolidar a música no conjunto das disciplinas matemáticas do quadrivium, privilegiando uma visão racional e especulativa. Séculos depois, no contexto do ensino do canto litúrgico, Guido d'Arezzo (c. 995–1050) retoma parte desse legado e o reorganiza segundo as necessidades da formação de cantores. Esta comunicação apresenta resultados parciais da pesquisa de iniciação científica intitulada "O Micrologus de Guido d'Arezzo (c. 995–1050)" e tem como objetivo analisar de que modo a recepção da tradição musical antiga se manifesta no tratado Micrologus, considerando especialmente a reelaboração de autoridades, exemplos e procedimentos de ensino herdados da tradição anterior. Investiga-se, assim, como Guido dialoga criticamente com o legado clássico, adaptando a autoridade dos antigos para estruturar um método voltado à autonomia e rapidez no aprendizado dos cantores. A metodologia compreende a tradução comentada de trechos selecionados do Micrologus e a análise comparativa de passagens que evidenciam a presença e a transformação de elementos da tradição antiga, com atenção especial ao diálogo com Boécio. Os resultados parciais indicam que Guido mobiliza a autoridade dos antigos de maneira seletiva, deslocando determinados saberes de seu contexto teórico para integrá-los a uma proposta de ensino mais breve, clara e orientada à prática. Desse modo, busca-se salientar que o Micrologus evidencia uma forma particular de recepção da tradição musical antiga, marcada pela transformação de seus saberes em instrumentos para a aprendizagem musical medieval.

Palavras-chave: Guido d'Arezzo; recepção da Antiguidade; música medieval; Boécio.

El sonido del sacrificio: música y silencio en la religión romana

Marco Almansa Fernández
Pós-doutorando em História
Universidad Complutense de Madrid

La música constituyó un elemento integrado en la práctica sacrificial romana y desempeñó una función ritual que trascendía el mero acompañamiento sonoro. Las fuentes antiguas, especialmente las de carácter literario, muestran la presencia de instrumentos como la tibia durante los sacrificios y permiten observar hasta qué punto el sonido estaba sometido a una regulación precisa. La correcta ejecución musical contribuía al desarrollo ordenado del rito, mientras que su ausencia, interrupción o ejecución defectuosa podía comprometer su validez. En este sentido, resulta especialmente significativa la existencia de disposiciones relativas al comportamiento del músico durante el sacrificio. La confusión en la ejecución del instrumento o la ausencia de música en momentos en los que esta era preceptiva podían ser consideradas como un delito religioso o "vitium". Tales irregularidades no constituían simples errores técnicos: podían provocar la interrupción o paralización del sacrificio y acarrear consecuencias para los responsables de la ceremonia, incluido el músico y el sacerdote que la presidía. El control del sonido se integraba así en el conjunto de precauciones destinadas a garantizar la "religio" y preservar la "pax deorum". Junto a la música, el silencio desempeñaba una función igualmente relevante. La regulación de los momentos en que debía sonar el instrumento y aquellos en los que era necesario guardar silencio revela la existencia de un auténtico control del espacio acústico del ritual. A partir de testimonios de Cicerón, Varrón, Ovidio, Plinio el Viejo, Macrobio y Aulo Gelio, esta comunicación analizará la función de la música y del silencio en el sacrificio romano, así como las consecuencias rituales derivadas de su incorrecta ejecución.

Palavras-chave: música ritual; silencio; sacrificio romano; vitium; religión romana

Grupo de pesquisa
Arqueologia e Iconografia da Música Antiga e sua Recepção